



MICHEL DE MONTAIGNE



Michel de Montaigne (1533-1592)

Apesar de não ser um filósofo muito badalado, Michel de Montaigne foi um precursor em muitos aspectos. Podemos dizer que ele foi o mais romântico dos modernos, e o mais cético dos românticos antes mesmo do movimento chamado romantismo.

Mas, na realidade, assim como Erasmo de Roterdã antes dele, Montaigne foi um filósofo humanista, e as suas preocupações giravam em torno da condição humana. Talvez seja por isso que a leitura de Montaigne continue conquistando leitores até os dias de hoje.

BIOGRAFIA

Nascido em um castelo na França, no seio de uma família nobre, mas criado por uma ama de leite, Montaigne cresceu falando latim. Isto lhe permitiu acessar uma educação clássica, já que a maioria do conhecimento greco-romano estava disponível nesta língua.

Durante sua vida adulta, Montaigne se tornou advogado e chegou a trabalhar como magistrado e prefeito em algumas cidades da França. O período em que ele viveu foi de graves conflitos entre católicos e protestantes, talvez por isso tenha optado por um viés filosófico mais próximo do ceticismo.



Castelo de Montaigne



O fato é que após herdar a propriedade e o título de nobreza do pai, Montaigne passou a viajar pela Europa enquanto se dedicava à escrita da sua obra, os **Ensaio**s, que foram reunidos em três volumes e escritos ao longo de nove anos. Aliás, Montaigne foi o criador do gênero de escrita “ensaio”, onde o autor discorre livremente sobre vários temas problematizando-os, mas sem apontar soluções.

Na sua obra, Montaigne escreveu a partir de si próprio para tratar de questões humanas no geral. Isto poderia representar a ideia humanista do **antropocentrismo**, mas também o velho ensinamento, disseminado por Sócrates, do “conhece-te a ti mesmo”. Não surpreende que Montaigne tenha sido influenciado pelas chamadas escolas socráticas menores: **ceticismo**, **estoicismo** e **epicurismo**.

RELATIVIZAÇÃO



Os conceitos de selvagem e civilizado são construções humanas

Michel de Montaigne gostava de ler os relatos dos viajantes europeus que visitavam as américas, ele produziu reflexões interessantes que relativizam a noção superior que os europeus possuíam de si próprios.

Em seu ensaio “Dos Canibais”, Montaigne apresenta o relato de um indígena que vivera na França por dez anos, e a partir dele tece várias considerações sobre o modo de vida na Europa, as suas instituições e guerras, como os conflitos entre católicos e protestantes.

No final, o leitor acaba sendo levado a fazer a pergunta: Quem é o selvagem?

CONSCIÊNCIA DE FRAGILIDADE E FINITUDE

De maneira bem original, Montaigne desconfiava da racionalidade da razão. Segundo ele, não havia motivos para o homem se considerar um animal superior aos outros somente por possuir razão. Pelo contrário, assim como filósofos românticos depois dele, como Jean Jacques Rousseau, Montaigne dava importância ao sentimento.

Por outro lado, a consciência da fragilidade e finitude do ser humano, deixava por terra qualquer pretensão à superioridade sobre as outras coisas da natureza, algumas menos frágeis e finitas do que os homens.



A racionalidade promove a infelicidade



EDUCAÇÃO PARA MONTAIGNE

De forma surpreendente, Montaigne era a favor de uma educação que se preocupasse em formar pessoas honestas e que pudessem viver em harmonia com os outros, não uma educação que privilegiasse a simples memorização de várias fórmulas e eventos. Por esse motivo, ele preconizava a construção de cabeças feitas, e não de cabeças cheias.



Devemos construir cabeças bem feitas e não cabeças cheias

FILOSOFAR É APRENDER A MORRER

Um dos aspectos mais interessantes sobre a filosofia de Montaigne que, no fundo, é uma filosofia simples, do cotidiano e baseada nas observações do filósofo, é a sua reflexão acerca da morte. Em certos aspectos, as ideias de Montaigne sobre a morte o aproximam de alguns artistas que também abordaram o tema, como Raul Seixas.



Michel de Montaigne

Segundo ele, a morte é a única coisa que iguala os homens, pois ela atinge a todos independente de origem e classe social. Montaigne não compreende como algumas pessoas podem se desesperar por causa de um acontecimento que é inevitável. Ao mesmo tempo, não faz sentido para a atitude de algumas pessoas que fingem que a morte não irá chegar.

Sendo assim, Montaigne acaba por defender um modo de vida que valoriza a fruição da vida, enquanto se está vivo, pois a hora da morte já está dada. Ninguém pode adiantá-la ou atrasá-la, e muito menos saber quando ela virá. Portanto, a utilidade da vida estaria no uso que se faz dela, e não na sua duração. Certamente, isto aproxima Montaigne do existencialismo, que é uma filosofia contemporânea que se desenvolve no século XX e, na realidade, com o epicurismo, movimento filosófico da Roma Antiga.



“Por que não te retiras da vida tal qual um conviva saciado?”